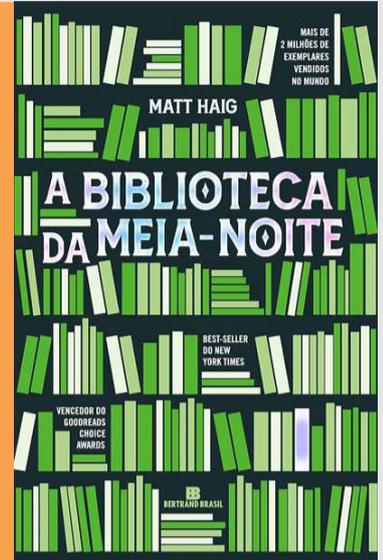


Um *best-seller* com mais de um milhão de livros vendidos pelo mundo, *A biblioteca da meia-noite*, de Matt Haig, é, segundo o Sunday Times, “Uma celebração entusiástica do poder que os livros têm de mudar vidas.” Aos 35 anos, Nora Seed é uma mulher cheia de talentos e poucas conquistas. Após ser demitida e seu gato ser atropelado, Nora vê pouco sentido em sua existência e decide colocar um ponto final em tudo. Porém, quando se vê na Biblioteca da Meia-Noite, Nora ganha uma oportunidade única de viver todas as vidas que poderia ter vivido. Nessa biblioteca, o relógio sempre marca meia-noite, e os livros parecem ser infinitos, com cada um deles oferecendo a possibilidade de experimentar uma outra vida, de fazer novas escolhas e de corrigir erros. As possibilidades são infinitas, e Nora Seed se vê exatamente na situação pela qual todos gostaríamos de poder passar: voltar no tempo e desfazer algo de que nos arrependemos. Diante dessa possibilidade, Nora faz um mergulho interior viajando pelos livros da Biblioteca da Meia-Noite até entender o que é verdadeiramente importante na vida e o que faz, de fato, com que ela valha a pena ser vivida. Um romance extremamente original e instigante sobre a importância de valorizar a vida que você tem.



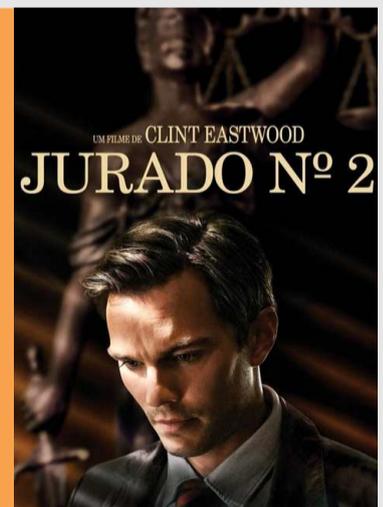
O Jardim Botânico do Rio de Janeiro, um dos maiores pontos turísticos da cidade, oferece mais um espaço cultural com entrada gratuita. Instalada em um dos prédios históricos da instituição, reformado em 2024, a Casa Pacheco Leão apresenta a exposição *Rota do Chá — Botânica, Cultura e Tradição*. Alexandre Murucci é o curador da nova mostra que faz parte das comemorações dos cinquenta anos de relações entre o Brasil e a China, trazendo a história do chá das origens até sua disseminação por todo o mundo, destacando os rituais, as artes e a evolução social ligados ao seu consumo e à sua produção. O Jardim Botânico, aliás, foi o primeiro lugar no Brasil onde o cultivo da planta do chá foi introduzido. Os visitantes podem fazer uma imersão cultural ao longo da mostra, além de aproveitar as demais atividades da programação da casa, incluindo apresentações musicais, palestras e workshops.

Casa Pacheco Leão, rua Jardim Botânico, 1.008, de quinta a terça, das 10h às 17h, com entrada gratuita até agosto de 2025. Ingressos pelo <https://www.jbrje.eleventickets.com>

Exposição celebra o chá e seus rituais. <-



*Jurado número 2*, um grande filme de Clint Eastwood, produzido e dirigido por ele, chegou ao catálogo da Max no dia 20 de dezembro e tem feito muito sucesso desde então. O longa-metragem, estrelado por Nicholas Hoult, conta a história de Justin Kemp, um jornalista que é convocado para o júri em um caso de assassinato. No entanto, a situação logo se torna muito complicada quando ele percebe que estava no mesmo bar em que o casal James Michael Sythe (Gabriel Basso) e Kendall Carter (Francesca Eastwood) foi visto publicamente pela última vez. Esse envolvimento direto no caso revive memórias antigas e faz com que o público descubra aos poucos o verdadeiro escopo da trama. Aos 94 anos de vida – mais de 60 de cinema –, Clint Eastwood se despede de seu mais novo filme com a mensagem de que não há respostas fáceis, caminhos tranquilos e resoluções fáceis. Certo e errado praticamente desaparecem, e Eastwood encerra o que pode ser seu trabalho final (tomara que não) com uma pontada de ambiguidade que só intensifica a falta de respostas para essas perguntas. Disponível no Prime Video.



Você Sabia?

Você sabia que os restos mortais de **Eça de Queiroz** agora jazem no Panteão Nacional em Lisboa? Foi realizada na quarta-feira, dia 8 de janeiro, a transladação, do cemitério da aldeia de Santa Cruz Douro para o Panteão Nacional de Santa Engrácia, dos restos mortais do grande escritor e diplomata português, autor de *Os Maias*, *O Primo Basílio*, *O Crime do Padre Amaro* e outros, José Maria de Eça de Queiroz, um dos mais importantes escritores portugueses de todos os tempos. Eça de Queiroz viveu no século XIX, mas o país que o autor descreve nas obras de ficção ainda tem muitas semelhanças com o presente. Muitos manuscritos do escritor estão guardados na Biblioteca Nacional. A transladação de Eça para o Panteão é a 13ª da história do país e a sétima em democracia, mas não foi consensual. Chegou a ter dia marcado, mas o processo foi alvo de providências cautelares, recursos e adiamentos. A ideia de honras de Panteão dividiu a família do escritor. “Acho que ele diria: 'Não vou!'”. É dessa forma que António Eça de Queiroz, um dos bisnetos do autor de *Os Maias*, reage quando lhe perguntam como acha que Eça de Queiroz reagiria à sua transladação para o Panteão Nacional, em Lisboa. Eça de Queiroz morreu há 125 anos, em Paris, a 16 de agosto de 1900. Foi então sepultado em Lisboa, mas, em 1989, os seus restos mortais foram transportados do Cemitério do Alto de São João, para um jazigo de família, no cemitério de Santa Cruz do Douro, em Baião, distrito do Porto, onde esteve até agora.

Chegada dos restos mortais do escritor no Panteão Nacional. <-

